

Deus



Soberano | Santo | Imutável | Fiel

VERDADE DIVINA

Deus

Deus é soberano <i>Doug Yade</i>	03
Deus é santo <i>James Lee</i>	06
Deus é um <i>Stephen Harper</i>	09
Deus é longânimo <i>Ken Taylor</i>	12
Deus é imutável <i>Jonathan Seed</i>	15
Deus é onipotente <i>Ian Gibson</i>	18
Deus é misericordioso <i>Paul Barnhardt</i>	22
Deus é bom <i>Paul Thiessen</i>	25
Deus é amor <i>Bryan Joyce</i>	28
Deus é gracioso <i>Justin Pratt</i>	31
Deus é fiel <i>Samuel Simonyi-Gindele</i>	34

Copyright © 2025 Verdade Divina, www.verdadedivina.com.br

Traduzido por Eduardo de Almeida Macedo com a devida permissão de Truth & Tidings.

Todos os direitos reservados. Verdade Divina é uma marca registrada. A reprodução total ou parcial desta revista não poderá ser realizada por nenhum meio possível, sem a prévia autorização do editor.

Deus é SOBERANO

"O Senhor reina." Essas palavras são poucas e simples, mas a verdade emoldurada é indizivelmente ampla. O salmista quer que tomemos nota, pois essas são suas palavras iniciais nos Salmos 93, 97 e 99. Não devemos perdê-las de vista.

Tais palavras pedem confiança de todo o coração, ao responder a inúmeras perguntas e resumir tantas situações. Elas são uma explicação e um encorajamento ao longo dos caminhos incertos da vida onde certas esperanças, às vezes quebradas como cacos de vidro, chegam para perturbar nossa sanidade.

A soberania de Deus é resumida por F.B. Meyer, que escreve:

"Tudo na vida é dirigido, superintendido e controlado por uma premeditação divina".

É importante notar que, sob Seu controle, Ele permite um evento enquanto propõe o outro. Esta é a base do livre arbítrio do homem, assunto que não desenvolveremos mais.

A soberania pode ser ilustrada por três governantes. Primeiro, José foi o Salvador do mundo. O Faraó lhe disse: *"sem ti ninguém levantará a sua mão ou o seu pé em toda a terra do Egito"* (Gênesis 41:44). Em suas mãos estavam provisões *"como a areia do mar"* (v. 49) para dispor como ele decidisse, e ele o fez de forma pessoal e com ternura. Nosso Senhor dirige cada ação e dispensa dos depósitos de Sua graça e justiça de acordo com Seu próprio arbítrio. Ele não precisa se desculpar ou se explicar, nem modifica ou adapta qualquer exercício de Sua autoridade. Ele não pode fazer algo da maneira errada ou que possa ser melhorada. Ele só faz as coisas da melhor maneira.

O segundo governante é Davi. Chamado de *"Pastor do meu povo"* (2 Samuel 5:2), *"o Senhor guardou a Davi por onde quer que ia"* (2 Samuel 8:6). Lembre-se de que com 400 homens cansados ele atacou a muito mais numerosa força amalequita que, por permissão divina, havia incendiado seu lar em Ziclague (1 Samuel 30). Deus não explica por que Davi perdeu tudo em um dia apenas para recuperar tudo de volta (e mais) no dia seguinte, mas Davi novamente aprendeu que *"a batalha é do Senhor"*. Certamente, o Senhor nunca é intimidado,

*Tudo seguirá seu curso no
tempo dele e na hora certa.*

*Nossos dias de escuridão crescente
não impedem o propósito de Deus
e nem frustram Seus desígnios.*

incomodado ou incapaz ao arrebatador o triunfo da boca dos mal intencionados. Um fio significativo nesta história envolve o cuidado terno para com um “zé-ninguém”, um escravo rejeitado que é restaurado e que aponta o caminho para a vitória. Seu poder, sempre aliado à Sua bondade, muitas vezes se revela mais claramente nas *“coisas fracas do mundo”*.

Em terceiro lugar, consideramos Salomão, muitas vezes chamado de *“meu/seu Filho”*, cumprindo os propósitos do coração de seu pai. Com seu domínio de mar a mar, ele *“excedeu a todos os reis da terra, tanto em riquezas como em sabedoria”* (1 Reis 10:23). *“O único Deus, sábio”* não pede informações ou opiniões e não tem câmaras de aconselhamento onde algum assunto precise ser reanalisado. Ele vive acima de todos os argumentos, questionamentos e presunções à medida que retira riquezas ilimitadas para cumprir *“o seu beneplácito, que propusera em si mesmo”* (Efésios 1:9). Não há limites, físicos, temporais, mentais ou morais, que estão além de Sua mão, pois tudo está dentro de Seu domínio.

Essas três figuras do Salvador, Pastor e Filho apresentam uma visão da soberania do nosso Senhor, destacando Sua provisão ilimitada, Seu poder inabalável e Sua sabedoria insondável. Ao mesmo tempo, lembre-se de que a terna compaixão costumava embasar as ações desses governantes. É o Cântico dos Cânticos de Salomão que desenvolve esse tema de amor infalível: *“As muitas águas não poderiam apagar”*. Nosso Senhor é bom, só faz o bem, e Seu amor é inseparável de Seu poder, como até a história de Mefibosete ilustra.

A soberania de Deus é proveitosamente examinada na vida daquele que é “maior que Salomão”. E então aqui mergulhamos nosso pequeno copo no relato de Marcos 6, enquanto Ele alimenta os 5000, além das mulheres e crianças. Os

discípulos estão muito preocupados e eles resumiram a situação como um lugar muito deserto, a hora como muito tarde e a provisão que havia como muito pouco. É provável que também tenhamos interpretado mal essas cenas.

Primeiramente, o lugar muito deserto obstrui a fé e apaga toda esperança. Mas ali, presente com eles, está Aquele que revestiu a terra nua com uma miríade de variedades de vegetação e encheu os oceanos e os céus com vida inimaginável. Ele algum dia faria *"o deserto e os lugares secos se alegrarem, e o ermo exultar e florescer como a rosa"*. O lugar não poderia ser desolado, enquanto o Pão e Água da Vida estivesse presente.

Em segundo lugar, nunca é muito tarde. Em Marcos 6, o que era um obstáculo para eles era uma oportunidade para Ele. O Senhor vive fora de todos os conceitos de tempo. Ele nunca chega cedo demais; Ele nunca está atrasado. Os séculos não têm impacto sobre Ele. Por exemplo, Ele falou com Abraão sobre formar uma nação e dar-lhes a terra, mas levaria 400 anos antes que Ele o fizesse. Ele inspirou Isaías a escrever sobre Sua vinda em humildade e depois sobre Seu retorno em glória. A nação esperou 500 anos pela primeira, e já tem esperado 2000 anos pelo segundo. Tudo seguirá seu curso no tempo dele e na hora certa. Ele não está se preocupando. Nossos dias de escuridão crescente não impedem o propósito de Deus e nem frustram Seus desígnios. Tudo está em curso e dentro do cronograma. Ele não fica atrasado ou consternado, e nunca se apressa ou se preocupa.

Terceiro, com o Senhor nunca há muito pouco. Os discípulos em Marcos 6:38 veem o punhado de comida para uma grande multidão e se sentem pesarosos. Mas, em Sua mão, "muito pouco" é sempre mais do que suficiente. Afinal, Seus dedos colocaram incontáveis estrelas ainda não descobertas no seu devido lugar, ao mesmo tempo em que Ele se preocupa com amor até com um único pardal que cai. O número de pães não era um fator. Ele nem precisava de tantos, mas em graça Ele usou o que eles tinham para que pudessem adorá-Lo. Esse é o ponto! Segurar a orla de Sua soberania não deve ficar apenas na teoria.

Os três salmos reais começam com *"O Senhor reina"*. Poderia haver um começo melhor para qualquer sentimento ou situação? Esse assunto é extremamente prático, como você provavelmente experimentou. Em um funeral recente, um irmão falou dos mistérios da vida e confessou que nem queria mais obter respostas – confiar em Deus era o suficiente. Você pode se encontrar, como já aconteceu conosco antes, na entrada dos anos de universidade, um casamento, um novo bebê ou adolescente. Compreendemos, embora superficialmente, que o Senhor lideraria até o fim porque Ele podia. E Ele o fez. E as lágrimas se misturaram com alegria.

Não é de se admirar que o Salmo 99 avance à uma menção tripla de louvor e adoração, como no último versículo: *"Exaltai ao Senhor, nosso Deus, e adorai-o no seu santo monte"*.



Deus é santo

A importância da santidade de Deus

Nas orações do Senhor, aprendemos a ordem das prioridades cristãs. O assunto principal na mente do Senhor era a santidade de Deus: *"Portanto, vós orareis assim: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome"* (Mateus 6:9). Seria essa a primeira e principal preocupação das nossas orações?

Ao procurarmos no Antigo e no Novo Testamentos, vemos a primazia da santidade de Deus elevada acima de todos os outros atributos, tanto que nenhum outro atributo de Deus é repetido três vezes (Isaías 6:2-3; Apocalipse 4:8).

O estudo e a meditação sobre a santidade de Deus devem produzir uma resposta semelhante

à de Isaías: *"Ai de mim, que vou perecendo! Porque eu sou um homem de lábios impuros e habito no meio de um povo de impuros lábios; e os meus olhos viram o rei, o Senhor dos Exércitos!"* (Isaías 6:5). Assim como no caso de Jó, um encontro com Deus deve elevar nossa reverência a Deus e o sentido de nossa total pecaminosidade: *"Com o ouvir dos meus ouvidos ouvi, mas agora te veem os meus olhos. Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza"* (Jó 42:5-6).

Santidade: Definição

O significado secular de *"santo"* na sociedade equivale a *"justo"*. No entanto, a definição bíblica do termo é diferente. A lei da primeira menção nos ensina muito sobre o significado de uma verdade específica. A

primeira vez que a palavra "**santo**" é mencionada é em Gênesis 2:3: "**E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou**". O significado primário da palavra "**santo**" é "**separado**". Observe que ser santo não tem nada a ver com "**justiça**" ou "**moralidade**"; um dia, certamente, não pode ser "**justo**". De fato, o Antigo Testamento está repleto de exemplos de coisas ("**vestes sagradas**", "**utensílios sagrados**", "**templo sagrado**"), lugares ("**meu santo monte**") e horários ("**santa convocação**" em relação às festas) a que se referem como santos. Eles são santos porque são separados para Deus, para o Seu propósito.

Da mesma forma, quando as Escrituras dizem que Deus é santo, significa que Deus é completa e totalmente único, distinto e separado de toda a criação. Transcendentalmente separado e diferente, não há nada e ninguém que se compare a Ele. O próprio Deus declarou: "**A quem pois me fareis semelhante, para que lhe seja semelhante? — diz o Santo**" (Isaías 40:25). Muitos crentes do Antigo Testamento também reconheceram esse atributo de Deus. Quando Deus respondeu à oração de Ana, ela louvou a Deus, dizendo: "**Não há santo como é o Senhor; porque não há outro fora de ti; e rocha nenhuma há como o nosso Deus**" (1 Samuel 2:2).

Pode-se aprender muito sobre o significado de uma palavra com seu antônimo; o oposto de santo é "**profano**" ou "**comum**" (Hebreus

10:29). À luz disso, quão terrível é a banalização de Deus na cristandade moderna, que o trata como "**comum**" ou "**ordinário**". Deus é frequentemente retratado como "o homem lá em cima" ou alguém que ajuda a ganhar jogos – tentando fazer Deus como um de nós! Enquanto as Escrituras retratam Deus como amoroso e gracioso, uma visão tão baixa de Deus é a coisa mais extrema conhecida pelo profeta Isaías e pelo apóstolo João, em Apocalipse. O próprio Deus abomina os que profanem Sua santidade: "**Estas coisas tens feito, e eu me calei; pensavas que era como tu; mas eu te arguirei, e, em sua ordem, tudo porei diante dos teus olhos**" (Salmo 50:21). Deus não é como qualquer um de nós ou qualquer coisa que conhecemos; Ele é totalmente distinto e diferente.

O significado secundário de santidade deriva de seu sentido primário. Como Deus é diferente de tudo na criação (somos pecadores e Ele é totalmente sem pecado), espera-se que tudo o que é separado para Deus reflita Seu caráter, principalmente Sua pureza absoluta (por exemplo, 1 Tessalonicenses 4:3-5; 2 Coríntios 7:1; Tito 2:14). As Escrituras também transmitem a pureza moral absoluta de Deus ao abordarem Sua santidade.

**"Sede santos,
porque eu sou santo"**

No Velho Testamento, coisas e pessoas eram consideradas santas por causa de sua conexão com

Deus (Êxodo 3:5; 15:13; 28:4). Do mesmo modo, nós, como cristãos, somos chamados de povo santo por causa de nossa ligação com Deus através do Espírito Santo (Romanos 15:16; 1 Coríntios 6:19). Nós somos feitos santos como resultado da obra do Senhor Jesus: *"Na qual vontade temos sido santificados pela oblação do corpo de Jesus Cristo, feita uma vez"* (Hebreus 10:10).

Embora já sejamos separados posicionalmente, Deus deseja que lutemos diariamente por santidade pessoal em nossas vidas: *"como filhos obedientes, não vos conformando com as concupiscências que antes havia em vossa ignorância; mas, como é santo aquele que vos chamou, sede vós também santos em toda a vossa maneira de viver, porquanto escrito está: Sede santos, porque eu sou santo"* (1 Pedro 1:14-16).

Viver uma vida santa significa ser separado deste mundo e do pecado, e ser separado para Deus. Deus usa Sua Palavra para nos

santificar; a Palavra nos separa do mundo (Salmo 119:9; João 17:16-17). Portanto, devemos permitir que a Palavra de Deus governe nossas vidas através da meditação e oração, diariamente. Além de estar na Palavra de Deus, devemos nos impedir de permitir que o mundo se intrometa e prejudique nossa vida espiritual; temos de sair, nos apartar e não tocar em nada imundo (2 Coríntios 6:17). Embora o Novo Testamento não legisle a santidade através de regras e regulamentos, ele certamente fornece quatro diretrizes básicas que cada crente pode seguir, referentes ao nosso comportamento: 1) É útil? – fisicamente, espiritualmente, mentalmente (1 Coríntios 6:12); 2) Me domina? (1 Coríntios 6:12); 3) Machuca os outros? (1 Coríntios 8:13); 4) Glorifica a Deus? (1 Coríntios 10:31). Vamos, então, examinarmo-nos cuidadosamente, para que possamos levar uma vida santa para Deus. Esse é o nosso culto racional à luz de tudo o que Ele fez por nós.

Embora já sejamos separados posicionalmente, Deus deseja que lutemos diariamente por santidade pessoal em nossas vidas.

Deus é UM

"Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor". Com essas palavras enfáticas e firmes, começa o Shemá – a confissão de fé hebraica e o prefácio dos mandamentos que o Senhor entregou ao Seu povo quando eles estavam na fronteira da Terra Prometida (Deuteronômio 6:4). O objetivo era que fosse a base de suas crenças e seu companheiro constante, em casa ou fora. Pela constante reiteração dessa verdade, o Senhor pretendia garantir a integridade das afeições de Seu povo por Ele mesmo, assegurando, por fim, a prosperidade de todos os seus assuntos – domésticos e internacionais.

A força e o momento dessa confissão são extremamente significativos. Primeiro, embora o deserto tenha provado ser um lugar fisicamente rigoroso (ao qual eles sobreviveram apenas através da provisão milagrosa de comida e água pelo Senhor) para a nação recém-nascida de Israel, era um ambiente espiritual relativamente benigno. Assim como a coluna de fogo e a nuvem os protegiam dos elementos naturais, a solidão do acampamento no deserto e a presença especial do Senhor os separavam das trevas do Egito e os blindavam das chamadas do pluralismo religioso cananeu no qual eles estavam prestes a entrar.

Segundo, mesmo tendo experimentado o poderoso livramento do Senhor da tirania egípcia, a geração anterior havia voltado com medo em Cades-Barneia (Deuteronômio 9:23). Diante dos relatos dos espiões sobre as fortalezas impenetráveis e inimigos formidáveis, eles duvidaram da capacidade do Senhor de lhes dar a vitória. Seus pais infiéis haviam desejado, de forma imprudente, a morte no deserto, e assim a receberam (Números 14:2), mas, agora, os filhos devem enfrentar o inimigo.

Isso nos introduz no primeiro sentido em que dizemos que Deus é Único: numericamente. Não há vários deuses. Embora Ele seja conhecido por muitos nomes benditos, existe apenas um Deus verdadeiro. Esta declaração afirma a singularidade de Deus. Não há ninguém como Ele – Ele é sem igual: **"Eu sou o Senhor, e não há outro; fora de mim, não há deus"** (Isaías 45:5). E Ele não tolera rivais: **"Não terás outros deuses diante de mim"** (Êxodo 20:3).

Num mundo cada vez mais pluralista e hostil, convicções sólidas sobre a singularidade do Deus verdadeiro vão ancorar nossas afeições e fortalecer nosso esforço. Sua singularidade exige que nenhum concorrente se apresente antes do Senhor em nossos corações, e o conhecimento sólido de que não há deus além do Senhor dá força e coragem, mesmo na adversidade. ***"Portanto, meus amados irmãos, sede firmes e constantes, sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que o vosso trabalho não é vão no Senhor"*** (1 Coríntios 15:58).

No Novo Testamento, a importância do Shemá foi enfaticamente reforçada pelo Senhor Jesus, pois quando os fariseus vieram para o testar, perguntando qual era o maior mandamento, o Senhor respondeu citando as palavras que o seguem imediatamente em Deuteronômio 6: ***"Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento"*** (Mateus 22:37-38, ênfase adicionada). Além disso, Ele não parou por aí, continuando a dizer: ***"E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Desses dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas"*** (Mateus 22:39-40).

Esse manejo especializado da Lei introduz com maestria o segundo sentido em que falamos sobre a unicidade de Deus. O Senhor Jesus mostrou que a afirmação de que Deus é Um também deve ser entendida qualitativamente. Ou seja, afirma a absoluta indivisibilidade de Deus e descreve a perfeita e harmoniosa consistência de toda a Sua Pessoa e obra. Por inferência, reivindicar amor a Deus, como exigia o Shemá, e ao mesmo tempo nutrir pensamentos maus contra o meu próximo é contrário à unidade da Lei. Destacando que este não é apenas o ***"grande"*** mandamento, mas também o ***"primeiro"*** de uma série consistente – uma parte de um todo – o Senhor afirmou que a Lei é uma porque o Legislador é Um.

Essa consistência perfeita é ainda mais maravilhosa quando consideramos a revelação bíblica de que há três personalidades distintas que são Deus e que existem como Um todo harmonioso. O fato de que os Três são Um em essência eterna, importância, vontade e propósito, mas absolutamente distintos em pessoa e função, está claramente implícito, frequentemente afirmado, mas nunca explicado nas Escrituras. Cremos nisto pela fé, desfrutamos e somos edificados. Em verdade, devemos tomar cuidado com todas as tentativas de explicar ou ilustrar o mistério da Trindade – Pai, Filho e Espírito Santo – pois todas são inevitavelmente inadequadas e muitas vezes levam a erros.

Por exemplo, em uma extremidade do espectro do erro estão aqueles, como

Sua singularidade exige que nenhum concorrente se apresente antes do Senhor em nossos corações

“Pentecostais Unicistas” e outros, monoteístas que adotam variações da antiga heresia do “sabelianismo” – que Deus é uma pessoa, que apenas aparece em formas diferentes. Cuidado com a analogia “gelo-água-vapor”! No outro extremo do espectro estão aqueles que acreditam em três (no caso dos mórmons, mais de três) deuses separados. Cuidado com a analogia da casca-clara-gema do ovo! De fato, não aceitando a doutrina da Trindade, os muçulmanos acusam os cristãos de serem triteístas – que acreditam em três deuses, não em um. Em algum lugar no meio há equivalentes arianos dos dias modernos, como as chamadas “Testemunhas de Jeová”, que ensinam a heresia que Cristo é uma divindade menor criada.

Contudo, como o Senhor Jesus afirmou, a verdade da unicidade de Deus não é apenas inesgotavelmente profunda, mas intensamente prática. Como as Três Pessoas da Trindade são inteiramente Uma em santa vontade e propósito, também devemos ser um com Eles. Assim como a Deidade não existe em partes fragmentadas, também não há espaço para incoerências hipócritas e compartimentadas na vida de um cristão. Com efeito, nossos relacionamentos entre si devem ser caracterizados pela mente humilde e amorosa de Cristo, para que nossa profissão de amor a Deus não seja um anel vazio de hipocrisia.

Finalmente, na véspera de Sua crucificação, Ele orou por Seus discípulos: ***“[...] para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu, em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste [...] para que eles sejam perfeitos em unidade, e para que o mundo conheça que tu me enviaste a mim e que tens amado a eles como me tens amado a mim”*** (João 17:21-23). Na realidade, o amor mútuo no corpo de Cristo é uma prova incontestável de nossa unidade com Cristo e de Sua reivindicação de ser um com o Pai que O enviou.

Vamos vivê-lo!



Deus é LONGÂNIMO

A longanimidade de Deus é um atributo divino precioso para o coração do povo de Deus. Exemplos do exercício dessa qualidade maravilhosa são encontrados tanto no Antigo como no Novo Testamento. É visto nos tratos do Senhor com indivíduos, grupos de pessoas e nações.

Demonstrações da longanimidade de Deus

A história do mundo pré-diluviano revela a degradação moral que existia, combinada com uma preocupação com as coisas materiais e atividades mundanas. O Senhor expressou Seu desagrado

e alertou sobre o juízo que viria por meio da fiel pregação de Enoque (Judas 14,15). O apóstolo Pedro nos diz que a longanimidade de Deus esperava nos dias de Noé. Isso foi visto nos 120 anos que Deus concedeu aos homens antes do dilúvio. Durante aquele tempo, eles teriam observado as atividades de Noé e sua família enquanto construíam a arca, e teriam ouvido a voz sincera daquele pregador da justiça tentando persuadir os antediluvianos a escapar da condenação iminente. A longanimidade de Deus ficou ainda mais evidente nos sete dias adicionais em que a porta da arca

permaneceu aberta depois que Noé, sua família e todas as criaturas vivas designadas entraram na arca.

O Senhor testifica de Seu próprio caráter em Êxodo 34:6: *"Jeová, o Senhor, Deus misericordioso e piedoso, tardio em iras e grande em beneficência e verdade"*.

Moisés usa essa mesma linguagem ao implorar ao Senhor pelo povo de Israel em face de sua dureza e ingratidão, sua obstinação e desobediência no caminho do deserto: *"O Senhor é longânimo e grande em beneficência, que perdoa a iniquidade e a transgressão"* (Números 14:18). A história do tratamento do Senhor com a nação no deserto, durante a sua ocupação da terra, os dias dos juízes e depois dos reis, tudo testifica de Sua bondade, fidelidade e cuidado. O clímax maravilhoso para a longanimidade de Seus procedimentos será visto quando Ele se voltar para uma nação que foi posta de lado por causa de sua rejeição Àquele que foi enviado para ser o seu Messias. As palavras de Sofonias 3:17 serão então concretizadas: *"O Senhor, teu Deus, está no meio de ti, poderoso para te salvar; ele se deleitará em ti com alegria; calar-se-á por seu amor, regozijar-se-á em ti com júbilo"*.

A história do rei Manassés, conforme registrada em 2 Crônicas 33, relata um exemplo notável da longanimidade de Deus na vida desse indivíduo rebelde.

Os anos de sua infância foram marcados pela influência salutar e cuidadosa de um pai piedoso, o rei Ezequias. A cronologia dos eventos nas Escrituras daria base para pensarmos que algo dos movimentos do profeta Isaías e suas declarações proféticas seriam do conhecimento de Manassés. Após a morte de seu pai e elevação ao trono, o jovem rei embarcou em um caminho de rejeição da influência divina, abandono dos princípios morais e negação das restrições divinas, enquanto mergulhava em práticas idólatras. O Senhor falou com Manassés por meio das palavras dos videntes, mas não houve como se desviar de seus caminhos iníquos (veja 2 Crônicas 33:10, 18). Ele foi finalmente levado ao arrependimento por meio do castigo e da aflição na Babilônia. Houve, então, humilhação diante de Deus, um pedido de perdão e o afastamento de suas práticas iníquas. As ofertas pacíficas e de louvor foram uma expressão da paz que ele encontrou e de sua gratidão para com Deus pelas riquezas das misericórdias divinas que lhe foram mostradas.

Um exemplo bem conhecido da longanimidade de Deus no Novo Testamento é visto na vida de Saulo de Tarso. A mensagem e o testemunho de Estêvão, quando Saulo presenciou seu martírio, e os rostos dos cristãos cuja prisão e mortes ele efetuou, devem ter trazido profundas perfurações de convicção em sua alma. Tudo

isso culminou na estrada para Damasco, no encontro com o Cristo ressuscitado, quando o Senhor exclamou: *"Duro é para ti recalcitrar contra os aguilhões"* (Atos 9:5). Paulo declarou mais tarde: *"Mas, por isso, alcancei misericórdia, para que em mim, que sou o principal, Jesus Cristo mostrasse toda a sua longanimidade, para exemplo dos que haviam de crer nele para a vida eterna"* (1 Timóteo 1:16).

Propósito na longanimidade de Deus

A palavra longanimidade está ligada a outras qualidades divinas em várias passagens das Escrituras. Misericórdia e graça são acompanhadas de longanimidade quando Moisés cita os caminhos de Deus em Êxodo 34:6 e Números 14:18. O apóstolo Paulo menciona a benignidade e a paciência com a longanimidade em Romanos 2:4. Benignidade descreve a disposição de Deus para conceder bênçãos; misericórdia sugere a piedade que Ele tem para com o que está em erro; paciência indica a restrição que Ele exerce em reter o julgamento sobre o pecado. Longanimidade tem um recurso adicional. Sugere uma perseverança paciente com pessoas desobedientes e situações provocativas para que o bem e a bênção possam ser desfrutados. A descrição do amor em 1 Coríntios 13 retrata as ações do próprio Senhor, que *"tudo sofre [...], tudo espera, tudo suporta"* (v. 7). De fato, "o

amor é sofredor, é benigno" (v. 4). Isso foi visto na vida de Manassés e na experiência de Saulo de Tarso, e será visto de uma maneira maravilhosa na restauração e redenção do povo de Israel.

O apóstolo Pedro declara em 2 Pedro 3:9 que o Senhor *"é longânimo para convosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se"*. Isso deveria ser um incentivo para continuarmos orando pela salvação dos pecadores perdidos, apesar da falta de interesse por parte delas e ainda que haja uma oposição expressa a Deus e à Sua palavra. Os pais que desejam a salvação dos filhos não salvos, que recusam a mensagem do evangelho, que aparentemente resistem à obra do Espírito de Deus em suas vidas e escolhem um caminho contrário a Deus e à Sua Palavra, podem ser encorajados. A verdade da longanimidade de Deus será um estímulo para os "tios da escolinha" e outros que buscam plantar a Palavra de Deus na vida das crianças. Também dará ímpeto àqueles que pregam o evangelho, semeando a Palavra viva. A compreensão dos caminhos do Senhor será combinada com a confiança na capacidade da Sua Palavra de produzir o arrependimento e a fé no indivíduo. Devemos lembrar as palavras de Pedro: *"e tende por salvação a longanimidade de nosso Senhor"* (2 Pedro 3:15).

Deus é imutável

O que é imutabilidade?

Imutabilidade é o aspecto do caráter de Deus que nos mostra que Ele é digno de confiança. Um Deus imutável é aquele que não muda e não pode mudar. O próprio Senhor define este atributo: *"Porque eu, o Senhor, não mudo; por isso, vós, ó filhos de Jacó, não sois consumidos"* (Malaquias 3:6). Embora aparentemente isso possa parecer uma descrição de um deus insensível ou mesmo sem vida, é a própria razão pela qual Ele ainda pode ser confiado como um Deus que dá vida. O peso ou a importância da imutabilidade permeia as páginas das Escrituras e deve refletir-se no nosso relacionamento diário com Ele. Isso ficará evidente ao considerarmos o "porquê", o "onde" e o "como" dessa grande doutrina.

Por que a imutabilidade é tão importante?

Considere o oposto de imutabilidade. Imagine um Deus cujo caráter muda. Dependendo do clima ou das circunstâncias, essa divindade usaria padrões diferentes para as mesmas situações. Para dar um exemplo mais concreto, considere Abraão. Quando ele deixou Ur, seguindo o Senhor *"sem saber para onde"*, ele sabia que o terreno e os problemas mudariam drasticamente desde o começo confortável. No entanto, se Abraão tivesse a menor noção de que as promessas de uma grande nação e um grande nome não passavam de uma pequena possibilidade, ele não teria partido, e por boas razões. O caráter imutável de Deus garante Seu amor e carinho, não apenas de Ur a Canaã, mas também de onde você está, para onde Ele está lhe chamando. Por que a imutabilidade é tão importante? Sem ela, nossa confiança em tudo que Deus prometeu fazer é infundada.

Onde a imutabilidade é encontrada?

Tanto o Antigo quanto o Novo Testamento são repletos com evidências desse atributo. Além da declaração inequívoca encontrada em Malaquias,

há outras que, embora menos explícitas, não deixam espaço para negar Sua imutabilidade: *"Lembra-vos das coisas passadas desde a antiguidade: que eu sou Deus, e não há outro Deus, não há outro semelhante a mim; que anuncio o fim desde o princípio e, desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: o meu conselho será firme, e farei toda a minha vontade; [...] porque assim o disse, e assim acontecerá; eu o determinei e também o farei"* (Isaías 46:9-11).

Passando dos profetas para os salmos, encontramos essa nota de confiança na "lamentação do patriota": *"Eles perecerão, mas tu permanecerás; todos eles, como uma veste, envelhecerão; como roupa os mudarás, e ficarão mudados. Mas tu és o mesmo, e os teus anos nunca terão fim"* (Salmo 102:26-27).

O testemunho do Novo Testamento para essa doutrina é encontrado nas primeiras epístolas: *"Toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não há mudança, nem sombra de variação"* (Tiago 1:17). O irmão do Senhor usa o exemplo do sol que, sob a nossa perspectiva, se move, muda e até desaparece por um tempo. Tiago parece estar *"declarando a 'soberania de Deus sobre as estrelas' [...] enquanto elas estão sempre em movimento, ele nunca muda, seja em si mesmo [...] ou no trato com Seu povo"*.

Há algum sentido em que Deus muda?

Antes de concluir com uma nota prática, é importante abordar o tópico do arrependimento de Deus. Este conceito é encontrado em 1 Samuel 15:10-11: *"Então, veio a palavra do Senhor a Samuel, dizendo: Arrependo-me de haver posto a Saul como rei"*. O que fazer com a suposta discrepância entre essa afirmação e o que o profeta diz mais adiante neste capítulo, *"E também aquele que é a Força de Israel não mente nem se arrepende; porquanto não é um homem, para que se arrependa"* (v. 29)? Primeiro, é importante permitir que o capítulo fale como um todo antes de analisarmos as palavras individualmente. O profeta não está falando ao acaso, fazendo declarações ousadas e contraditórias, sem considerar a congruência teológica. No início do capítulo (v. 11), ele quer enfatizar *"a tristeza do amor divino pela rebelião dos pecadores"*, não a dor decorrente de uma falha nas políticas domésticas. Como nós sabemos disso? Uma definição de termos vai ajudar. A palavra hebraica usada para arrependimento nos versículos 11, 29 e 35 é a mesma (também é usada em Gênesis 6:6). Isso representa um problema para os leitores indiferentes e casuais que nossa geração saturada de informações criou.

Parece que Natã podia ver o leitor confundindo nosso arrependimento com o arrependimento de Deus. Para evitar confusão, ele faz a afirmação definitiva **"porquanto não é um homem, para que se arrependa"** (v. 29), isto é, embora seja a mesma palavra hebraica, Deus não se arrepende da mesma maneira que o homem. **"O arrependimento de Deus não pressupõe qualquer variabilidade em Sua natureza ou em Seus propósitos. Nesse sentido, Deus nunca se arrepende de nada."** O arrependimento (no hebraico, "nicham"), nesse sentido, expressa dor e angústia pelas falhas do homem, pois Ele não tem nada do que se arrepender.

Como isso me afeta?

A imutabilidade de Deus não apenas confirma Seu cuidado constante, mas também o resultado consistente de Seu propósito eterno. Uma coisa aprendida rapidamente quando você tem uma família jovem é a necessidade de consistência de seus filhos em todos os aspectos da vida deles. Não é diferente quando se trata dos filhos de Deus, e talvez o aspecto mais reconfortante da imutabilidade de Deus seja o fato de nos mostrar que Ele é um Deus consistente. Considere isso ao ler Romanos 9-11. Complexidades à parte, o ponto principal do texto é a consistência da palavra e do caráter de Deus. Com relação à pergunta **"Existe um futuro para Israel?"**, Paulo responde desta maneira: **"E, assim, todo o Israel será salvo, como está escrito: De Sião virá o Libertador, e desviará de Jacó as impiedades. E este será o meu concerto com eles, quando eu tirar os seus pecados"** (Romanos 11:26-27). A aliança foi feita. Sua palavra foi dada. Seu propósito para Israel é consistente – é o mesmo hoje como desde quando foi falado por Jeremias, mais de 2600 anos atrás. Da mesma maneira, Sua palavra sobre o nosso futuro será sempre a mesma: **"eu o determinei e também o farei"** (Isaías 46:11).

*A imutabilidade de Deus não apenas confirma
Seu cuidado constante, mas também o
resultado consistente de Seu propósito eterno.*



Deus é ONIPOTENTE

Um atributo exclusivo da deidade é que Deus é Todo-Poderoso. Ele é o Deus onipotente, com poder para fazer todas as coisas de acordo com Seu caráter. Isso é refletido no Seu título El Shaddai, primeiro dado a conhecer a Abrão: **"Eu sou o Deus Todo-Poderoso"** (Gênesis 17:1), e usado com frequência no livro de Jó: **"Ao Todo-Poderoso não podemos alcançar; grande é em poder"** (Jó 37:23). O onipotente ato de criação de Deus exhibe, particularmente, **"Seu eterno poder e divindade"** (Romanos 1:20), deixando o homem sem desculpa. Como Criador, Ele apenas falou para trazer o mundo à existência: **"Porque falou, e**

tudo se fez; mandou, e logo tudo apareceu" (Salmos 33:9).

No Salmo 139, Davi contempla atributos da deidade, incluindo onisciência (versos 1-6), onipresença (versos 7-12) e onipotência (versos 13-18) em relação ao poder criador de Deus, o qual Davi aprecia em relação a si próprio. O poder criador divino estava operando em sua formação e na sua proteção pré-natal: **"entreteceste-me no ventre de minha mãe"** (v. 13). Estava tudo oculto ao olhar do homem, mas supervisionado pelo Deus onipotente, quando ele foi feito **"de um modo terrível e tão maravilhoso"** (v.

14), e **"entretelado como nas profundezas da terra"** (v. 15), como um pedaço de bordado, feito para o prazer e propósito de Deus. Deus **"formou"** nossos membros (v. 16), assim como o oleiro soberanamente forma o barro, segundo um padrão descrito em Seu próprio livro de design. Desde o momento da concepção, todos os seres humanos são, individualmente, um produto da formação e design divinos, um testemunho do poder criador de Deus. Em vista de tal obra pré-natal divina, o pensamento de abortar seres humanos ainda não nascidos é abominável.

Passagens do Novo Testamento atribuem a obra anterior da criação ao Filho de Deus (Colossenses 1:16) e declaram Seu poder criador presente e contínuo (Colossenses 1:17; Hebreus 1:3). Muitas vezes,

quando o Senhor Jesus agiu neste mundo, Ele demonstrou esse poder divino sobre a criação, animada e inanimada. Os discípulos ficaram maravilhados quando Ele acalmou a tempestade no mar, e a criação obedeceu imediatamente à palavra falada pelo Criador. Sua onipotência foi também demonstrada pela Sua cura a todos os que eram trazidos a Ele com várias doenças, e quando Ele ressuscitou mortos.

A onipotência criadora do Salvador foi especialmente mostrada no Calvário. As Escrituras dizem que Ele foi **"crucificado por fraqueza"** (2 Coríntios 13:4), permitindo que homens ímpios o amarrassem no Getsêmani e, por fim, o pregassem na cruz. Mas, em tal aparente fraqueza, à hora nona Ele bradou da cruz com grande voz, e a criação respondeu com

*Desde o momento da concepção,
todos os seres humanos são,
individualmente, um produto da
formação e design divinos, um
testemunho do poder criador de Deus.*

um poderoso terremoto; sepulturas de santos foram abertas e o véu do templo foi rasgado em dois, de alto a baixo; **"E o centurião e os que com ele guardavam a Jesus, vendo o terremoto e as coisas que haviam sucedido, tiveram grande temor e disseram: Verdadeiramente, este era o Filho de Deus"** (Mateus 27:54). Essa demonstração de onipotência divina é verdadeiramente reconfortante para todos os cristãos; nosso bendito Salvador estava no controle absoluto na cruz, e foi em toda a Sua onipotência que Ele, então, curvou Sua cabeça em um lugar de descanso, entregou Seu Espírito nas mãos de Seu Pai e, voluntariamente, entrou na morte.

Ao pensarmos neste atributo divino da onipotência como uma verdade para ancorar todos os cristãos, nos lembramos do ensino do apóstolo

Paulo em Efésios. A oração de Paulo é que possamos conhecer **"qual a sobre-excelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos, segundo a operação da força do seu poder"** (1:19). Esse grande poder foi operado em Cristo, em Sua gloriosa ressurreição dentre os mortos e em Seu lugar de exaltação e glorificação, entronizado à direita de Deus, muito acima de tudo, com todas as coisas sob Seus pés (versos 20-22). A extraordinária grandeza do poder de Deus levou nosso Salvador do túmulo ao lugar mais alto dos Céus, ao trono de Deus, de acordo com a justiça divina, pois Ele é digno de ser **"engrandecido, e elevado"**, e é **"mui sublime"** (Isaías 52:13).

Em Efésios 2, esse mesmo grande poder de Deus tem operado para com os cristãos em nossa salvação, segundo a graça divina. Estando espiritualmente **"mortos**

Nós não devemos cair no pecado da incredulidade de Israel, questionando a capacidade de nosso Deus de nos ajudar, pois "a Deus tudo é possível".

em ofensas e pecados" (v. 1), precisávamos ser espiritualmente *"vivificados juntamente com Cristo"* (v. 5), e então Deus *"nos ressuscitou juntamente com ele, e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus"* (v. 6). O poder de Deus exaltou espiritualmente os salvos a um lugar de bênção celestial suprema, unidos a Cristo, onde desfrutamos *"todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo"* (Efésios 1:3). A obra satânica tenta se opor – o *"espírito que, agora, opera nos filhos da desobediência"* (Efésios 2:2) – mas o poder de Deus sempre prevalecerá na salvação de cada salvo, *"porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas"* (v. 10).

Este lugar elevado de bênção espiritual presente, indissolivelmente unido ao Homem glorificado que ressuscitou e é exaltado à direita de Deus, é verdadeiro para todo crente no Senhor Jesus posicionalmente. Na mente e no propósito do nosso Deus, já estamos lá no céu com Seu Filho, pois o Pai nos vê como estando *"em Cristo"*, unidos a Ele por toda a eternidade. A bendita verdade é que nunca podemos ser relegados deste lugar de bênção exaltada, pois, como cristãos, nós estamos *"guardados na*

virtude de Deus, para a salvação já prestes para se revelar no último tempo" (1 Pedro 1:5). A verdade de que Deus é onipotente é um atributo divino que nos ancora a Cristo eternamente.

Mas enquanto ainda estamos vivendo fisicamente neste mundo, esperando por nossa redenção corporal na volta de nosso Salvador, os cristãos enfrentam muitos desafios. A verdade de que Deus é onipotente significa que Ele é capaz de atender às nossas necessidades: *"Ora, àquele que é poderoso para fazer tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos, segundo o poder que em nós opera"* (Efésios 3:20).

Dizemos com o profeta: *"Ah! Senhor Jeová! Eis que tu fizeste os céus e a terra com o teu grande poder e com o teu braço estendido; não te é maravilhosa demais coisa alguma"* (Jeremias 32:17). Nós não devemos cair no pecado da incredulidade de Israel, questionando a capacidade de nosso Deus de nos ajudar, pois *"a Deus tudo é possível"* (Mateus 19:26). Dizemos com o salmista: *"Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo, à sombra do Onipotente descansará"* (Salmo 91:1). Cantamos com as multidões dos exércitos celestiais: *"Aleluia! Pois já o Senhor, Deus Todo-Poderoso, reina"* (Apocalipse 19:6).

Deus é

MISERICORDIOSO

Em Êxodo 33-34, encontramos Moisés na fenda da rocha. O Deus de seus pais, Abraão, Isaque e Jacó, o EU SOU, estava prestes a passar diante dele. Moisés teve um relacionamento único com Deus; ele conheceu a Deus pessoalmente e O apreciou como seu Deus. Outros no passado estimaram revelações maravilhosas de Deus, mas, no capítulo 33, Moisés anseia por outra confirmação pessoal da presença de Deus com ele. Ele pede: *"Agora, pois, se tenho achado graça aos teus olhos, rogo-te que agora me faças saber o teu caminho, e conhecer-te-ei, para que ache graça aos teus olhos; e atenta que esta nação é o teu povo"* (Êxodo 33:13).

Com a demonstração da bondade e da glória de Deus, veio o pronunciamento do Seu nome: *"Jeová, o Senhor, Deus misericordioso e piedoso, tardio em iras e grande em beneficência e verdade; [...] E Moisés apressou-se, e inclinou a cabeça à terra, e encurvou-se"* (34:6, 8). Essa visão desvelada de Deus atraiu uma fresca reverência e nova adoração desse homem de Deus, e levou a uma maior intimidade com Ele. Entre outros elementos fascinantes dessa história, está o de ouvir Deus se descrever por meio de Seu nome. Deve ser significativo que o SENHOR encabeça a lista de atributos pessoais com *"misericordioso"*. O Deus de Abraão, Isaque, Jacó e Moisés, nosso Deus eterno e imutável, é misericordioso.

Uma definição geral de misericórdia é *"compaixão demonstrada no lugar de juízo ou punição"*. A misericórdia contrasta com aquilo que é merecido; a graça contrasta com o que é imerecido. Existem várias palavras hebraicas e gregas para misericórdia/misericordioso empregadas nas Escrituras e traduzidas por diversas palavras. Deuteronômio 4:30-31 nos dá uma luz e, talvez, um esboço da misericórdia de Deus, especialmente para com Israel: *"Quando estiveres em angústia, e todas estas coisas te alcançarem, então, no fim de dias, te virarás para o Senhor, teu Deus, e ouvirás a sua voz. Porquanto o Senhor, teu Deus, é Deus misericordioso; e não te desampará, nem te destruirá, nem se esquecerá do concerto que jurou*

a teus pais". Quando o povo de Deus se voltar para Ele, então Ele não os abandonará, não os destruirá e não os esquecerá. Por quê? O texto nos diz que é porque Ele é um Deus misericordioso. Essas três reações divinas ao arrependimento de Seu povo são fruto da natureza misericordiosa de Deus.

Muitas vezes, Deus assistiu aos Seus O abandonarem, assim como à Sua Lei. As consequências e decepções de seu pecado acabariam por colocá-los de joelhos novamente. Ele poderia tê-los deixado com suas consequências e seu julgamento, mas, porque Ele é misericordioso, Ele mostrou compaixão por eles, respondendo aos seus clamores e libertando-os. 2 Crônicas 30:9 nos dá a imagem: "[...] *porque o Senhor, vosso Deus, é piedoso e misericordioso e não desviará de vós o rosto*". Ele não vai nos deixar. Embora seja dito em 2 Crônicas 34:11 que *"os reis de Judá tinham destruído"* o templo, ainda assim, quando eles se voltaram para Deus, Ele não os destruiria. Quando Seu povo esqueceu sua aliança com Deus e foi levado cativo a terras distantes, Deus não se esqueceu. Ele se lembra de cada promessa feita aos pais. Deus é misericordioso e não os desampará, não os destruirá, não os esquecerá. Isso é especialmente comovedor quando consideramos que o Servo Perfeito foi desamparado e esmagado no Calvário – *"pela transgressão do meu povo foi ele atingido"* (Isaías 53:8).

Jeremias nos fala algo mais sobre a misericórdia de Deus: *"As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos; porque as suas misericórdias não têm fim"* (Lamentações 3:22). Suas misericórdias (plural) são multifacetadas e ilimitadas. O juízo de Deus conhece razões mais do que suficientes para nos consumir, mas Suas compaixões, como um reservatório profundo, chegam primeiro para nos preservar.

Depois de derramar Suas compaixões por Seu povo durante milênios, somos gratos porque o reservatório de misericórdia permanece intacto até hoje. O Senhor é o Deus misericordioso em nossos dias também. Tanto Paulo quanto Pedro se referem a esse suprimento abundante, que tem sido a fonte de nossa salvação neste longo dia de graça, usando a mesma palavra grega para a misericórdia de Deus: *eleos*. *"A palavra eleos significa 'a manifestação externa de piedade'; tal misericórdia pressupõe extrema necessidade da parte de quem a recebe e, ainda assim, recursos adequados para atender a essa necessidade da parte daquele que a concede."* Paulo escreveu aos efésios sobre *"Deus, que é riquíssimo em misericórdia"* (Efésios 2:4). Pedro disse que Deus, *"segundo a sua grande misericórdia, nos gerou de novo para uma viva esperança"* (1 Pedro 1:3). Sua misericórdia através dos tempos continua sendo o poço inesgotável do qual a compaixão é extraída

*A misericórdia tem peso na
balança celestial, e é um bem
precioso a ser oferecido às
muitas almas ao nosso redor.*

continuamente. É *"de acordo com"* ou *"segundo a medida"* desse suprimento abundante que Deus trata conosco hoje. Paulo lembra a Tito que nosso Salvador nos salvou *"não pelas obras de justiça que havéssemos feito, mas, segundo a sua misericórdia"* (Tito 3:5).

A manifestação da compaixão de Deus fornece uma libertação que nossas obras nunca poderiam alcançar. O que podemos dizer sobre tal misericórdia? Qual é a nossa resposta? Nós, assim como Moisés no monte, inclinamos nossas cabeças e corações diante de um Deus tão misericordioso. Mas ainda podemos fazer mais. Na verdade, devemos fazer mais.

Este Deus misericordioso também foi revelado por Aquele que O conhece mais intimamente – Seu Filho. No Evangelho de Lucas, nosso Senhor diz a Seus seguidores em termos claros: *"Sede, pois, misericordiosos, como também vosso Pai é misericordioso"* (6:36). Certamente conhecemos a misericórdia, então é esperado que mostremos misericórdia. Isso era aparentemente desconhecido entre muitos dos fariseus, visto que o Senhor os repreendeu ao observar que eles pagavam *"o dízimo da hortelã, do endro e do cominho e desprezais o mais importante da lei, o juízo, a misericórdia e a fé"* (Mateus 23:23). A misericórdia tem peso na balança celestial, e é um bem precioso a ser oferecido às muitas almas ao nosso redor. Talvez esta seja uma pista de porque Deus a proclamou como a primeira entre os atributos de Seu nome. Com certeza, é por isso que a natureza misericordiosa de Deus é destacada por tantos ao longo das Escrituras, e nós apenas consideramos alguns.

Há muito que podemos fazer por Deus e pelos outros em resposta a tudo o que Deus fez por nós, mas aparentemente poucas coisas são tão valiosas quanto mostrar misericórdia. Quando o fazemos, refletimos nosso Pai e Deus, pois Deus é misericordioso. Que honra!



Deus é BOM

O Senhor Jesus disse a um jovem príncipe rico: **"Ninguém há bom, senão um, que é Deus"** (Lucas 18:19). A frase clichê, muito utilizada, "Deus é bom" é, geralmente, usada quando coisas boas acontecem conosco. Na verdade, muitos crentes limitam essas palavras aos momentos em que coisas boas acontecem a eles. "Deus foi tão bom comigo que me deu o emprego dos meus sonhos"; "Deus é tão bom que me devolveu minha saúde"; ou "Deus é tão bom que tivemos um ano muito bom para os negócios". Mas o que falamos quando uma irmã da igreja soube que ela tinha um tumor e, quando foram operá-lo, viram que era inoperável? Qual

é a situação quando um irmão perde seu negócio em uma crise financeira? O que dizer dos pais que há anos têm sido incapazes de ter um bebê e, quando um filho finalmente chega, ouvem logo após o nascimento que há pouca esperança de vida? Como Deus é bom quando eu quero que minha família sirva ao Senhor, mas uma tragédia divide a minha família? Deus só é bom quando coisas boas acontecem? A resposta óbvia é "não". Isso levanta a questão: "Deus ainda é bom, mesmo quando coisas ruins acontecem?"

Nós lemos as palavras "Deus é bom" em nossa Bíblia.

No Salmo 73:1, Asafe diz:

"Verdadeiramente, bom é Deus para com Israel". Outro salmo diz: *"Bom e reto é o Senhor"* (25:8). *"Bom"* é uma palavra mais fácil de ser compreendida do que descrita. Fala de virtude moral. Os sinônimos que vêm à mente quando pensamos na palavra *"bom"* são agradável, satisfatório, aprazível, benéfico e útil. É uma palavra que descreve uma pessoa, bem como uma coisa.

É de extrema importância saber que o caráter de Deus é bom. Deus é sempre e tão somente bom; nada além de coisas boas podem vir dele. Quando dizemos que Deus é intrinsecamente bom, queremos dizer que é uma parte essencial de Sua natureza. Todo o Seu ser é bom, e não há nada de mau ou perverso que pode manchá-Lo. É apenas natural que Deus seja bom. Sua bondade é infinita, como todos os outros traços do caráter de Deus. Deus não tem pontos fracos nem pontos fortes. Quando Paulo lista benignidade junto com paciência e longanimidade em Romanos 2:4, elas são exatamente e infinitamente as mesmas em valor moral. Quando ele contrasta bondade e severidade, ambas são 100% verdadeiras, sem que uma tire nada ou contradiga a outra (Romanos 11:22). A bondade de Deus, como qualquer outro atributo, é absoluta, o que significa que

não tem fraqueza ou mudança.

A criação de Deus é boa

Ao lermos o primeiro capítulo de Gênesis, é notável que a palavra *"bom"* é usada sete vezes. A luz, a terra seca, o mar e as criaturas são todos descritos como *"bons"*. Finalmente, Gênesis 1:31 diz: *"tudo quanto tinha feito [...] era muito bom"*. A bondade de Deus tornou-se evidente logo no começo do mundo. É difícil imaginar um mundo que só tivesse coisas boas – não havia medo de que algo ruim acontecesse; não havia medo de algum perigo à espreita em algum lugar. O universo inteiro era bom, e tudo nele satisfazia o coração humano. Cada pensamento, cada palavra e cada ação eram nada menos que boas!

Devemos considerar o contraste entre o bem e o mal. O conhecimento do bem e do mal veio por meio do Maligno, que convenceu Eva a escolher o que não era bom. Deus fez o homem para que, por sua própria vontade, ele pudesse escolher o bem e não o mal. Significa que o homem ficaria satisfeito com a escolha que fizesse, e não precisaria se arrepender de uma escolha errada (má).

A conduta de Deus é boa

Há várias coisas que a bondade de Deus faz por nós, de acordo com as Escrituras. A primeira coisa é que a bondade de Deus nos leva ao arrependimento.

Quão bondoso é da parte de Deus ver pecadores arruinados e querer que sejam bons como Ele. Sua bondade não se contamina por estender a mão para um pecador. Na verdade, após a salvação, Sua bondade se torna parte do cristão por causa da natureza divina. Deus, então, nos dá a capacidade de ter uma boa consciência, praticar boas obras, dar bons frutos e muitas coisas boas.

A condução da bondade de Deus agora é por meio de canais humanos. Gálatas 5:22 inclui a bondade como parte do fruto do Espírito. Em Efésios 5:9, o apóstolo Paulo nos dá outro conjunto em trio, ao indicar que o fruto do Espírito está em toda bondade, justiça e verdade. Deus quer mostrar Sua bondade para a humanidade, e está fazendo isso através do fruto do Espírito no salvo. **"Boa"** é a palavra que as Escrituras usam para descrever a vontade de Deus para um cristão, a atividade de uma dona de casa, a conversação do cristão, a

fidelidade de um servo, a obra de um ancião e muitas outras coisas relacionadas à vida do cristão.

Se Deus é bom, por que existe tanto mal no mundo? Vamos deixar claro que o mal não veio de Deus. Embora seja verdade que Ele permitiu que o mal acontecesse no mundo, Ele não o fez. O mal veio quando o homem escolheu o mal ao invés da bondade de Deus. Até hoje as palavras do salmista soam verdadeiras: **"Aparta-te do mal e faze o bem"** (34:14). Há momentos em que coisas ruins acontecem a pessoas boas. Nos bons ou nos maus momentos, nas provações ou triunfos, nas tentações ou na labuta, Deus é sempre bom. Que o Senhor nos ajude a viver a vida vendo que Deus é bom.

**"Quão bom é o Deus
que adoramos,
Nosso fiel e imutável Amigo,
Cujo amor é tão grande
quanto Seu poder
E não conhece medida nem fim."**

*Nos bons ou nos maus momentos, nas
provações ou triunfos, nas tentações
ou na labuta, Deus é sempre bom.*

Deus é AMOR

Cada página da Palavra de Deus está repleta do Seu amor. A história de Deus é a história do Seu amor. Sem ele, não haveria história. Não haveria passado. Não haveria futuro. Existimos apenas porque Deus é amor!

Como podemos explicar isso? Como podemos descrever sua plenitude? Impossível! Não tem jeito, e a vastidão da eternidade não será suficiente. Nossas mentes podem apenas ter um vislumbre, como Moisés vendo as costas de Deus no monte. Aqui estamos nós, em todos os nossos pecados e trapos imundos, tentando aprender a grandeza do amor do Todo-Poderoso – um amor muito vasto, infinito, incomensurável, grande, profundo, alto, amplo e excelente para a mente humana compreender (Efésios 3:18).

Como uma criança brincando à beira do vasto Atlântico, tocamos os pés da compreensão nas profundezas da existência divina e buscamos, com nossa limitada capacidade de entendimento, um Deus inesgotável. Mas, ao permitirmos que essa verdade nos preencha e nos banhe, tornamo-nos firmemente enraizados, ancorados em nossa fé (Efésios 3:17).

AMOR SEMPRE EXISTENTE

Um amor que nunca teve começo

A Bíblia nos diz que Deus não teve princípio (Salmo 90). Também nos diz que Ele é amor (1 João 4). Seu amor, portanto, não teve começo. É a Sua natureza. Ele não aprendeu a amar. Seu amor não cresceu com o tempo ou com a eternidade. Ele não chegou a Ele em algum momento oportuno de Sua existência eterna. Ele sempre foi o único e verdadeiro Deus de amor. Dá para explicar? Não. Podemos compreender? Não. Deve ser aceito somente pela fé.

O amor de Deus é perfeita e eternamente fundado e é funcional dentro de Sua própria pessoa. Ele é autossuficiente e não precisa de nada fora de Si mesmo para preencher espaços vazios ou solitários. Tentamos compreender esse amor prático ao considerarmos a verdade da trindade: o amor entre o Pai, o Espírito Santo e o Filho. Ao falar com Seu Pai, o Senhor Jesus disse: *"Tu me has amado antes da criação do mundo"* (João 17:24).

AMOR EXPRESSIVO

Um amor revelado nas eras passadas

Deus não precisava nos criar para se tornar mais realizado. Ele tinha tudo, mas a plataforma da criação e da humanidade era perfeita para revelar todos os Seus atributos divinos. Seja na própria criação, na escolha da nação de Israel, no envio de Seu Filho como descendente de Abraão ou na edificação da igreja, tudo fazia parte de Seu plano em mostrar a grandeza de quem Ele é.

A palavra hebraica *ahăbâh* (pronunciada “ahavah”) é comumente usada para “*amor*” no Antigo Testamento. É uma palavra ampla, que pode significar o amor de um amigo, ou o amor de uma criança, ou o amor de uma nação pelo seu líder. É a palavra usada em Deuteronômio: *“O Senhor não tomou prazer em vós, nem vos escolheu, porque a vossa multidão era mais do que a de todos os outros povos, pois vós éreis menos em número do que todos os povos, mas porque o Senhor vos amava (ahăbâh)”* (Deuteronômio 7:7-8). Não era um amor que foi merecido ou conquistado, mas, sim, um amor originado do próprio caráter de Deus: Ele ama porque Ele ama. Não é uma obrigação Sua, mas um genuíno afeto e sentimento que Deus experimenta. Oseias comparou o amor de Deus pelo Seu povo ao amor de um marido por sua esposa. Mas o amor de Deus não é apenas um sentimento; é uma ação, algo que Ele conscientemente escolhe fazer. Moisés explicou em Deuteronômio 4:37: *“Porquanto amava teus pais, e escolhera a sua semente”*. Mesmo com seu fracasso, partida, idolatria, imoralidade e maldade, Ele os amou e prometeu ser Seu Deus e cuidar deles até o fim.

No Novo Testamento, o amor de Deus é mais frequentemente descrito pela palavra grega *agape*. Essa palavra significa escolher amar para o benefício daquele que é amado, e amar sem esperar nada em troca, especialmente em situações em que não há possibilidade de retribuição. A vida do Senhor Jesus é a demonstração perfeita de como esse amor foi exercido. Ele não apenas disse que amava – Ele amou! Ele tocou e curou os leprosos. Ele saiu ao encontro dos necessitados. Ele se sentou e ouviu os pecadores. Ele lavou os pés dos discípulos que reclamavam. Ele tornou o amor de Deus visível.

AMOR INESGOTÁVEL

Um olhar mais atento ao Calvário

Toda a vida do Senhor Jesus demonstrou a realidade do Seu amor, mas não há lugar ou momento em que o Seu amor tenha resplandecido com

uma beleza tão desenfreada do que durante os horríveis sofrimentos da cruz: *"Mas Deus prova o seu amor para conosco em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores"* (Romanos 5:8).

O amor do Calvário é o maior dos amores. Tudo o que Ele fez foi por amor ao Pai que O enviou. Tudo o que Ele fez foi para o Pai. Cada pontada de angústia foi suportada em devoção absoluta a Ele (João 17:4). Seu amor foi e é completo e abrangente. Ele amou os Seus que estavam com Ele (João 13:1). Ele amou Sua família e, especificamente, Sua mãe. Vemos isso demonstrado de forma muito tocante na cruz (João 19:26-27). Ele amou Seus inimigos, mesmo quando pregaram Suas mãos e pés na cruz (Lucas 23:34). Passados 2000 anos, Seu amor ainda é real e vibrante; juntamo-nos ao apóstolo Paulo para dizer: *"o Filho de Deus, o qual me amou e se entregou a si mesmo por mim"* (Gálatas 2:20).

AMOR ETERNO

Um amor que nunca vai acabar

Seu amor não só não tem começo, mas também não terá fim. É a realidade de um amor eterno e infalível que nos permite viver em plenitude.

Quando passarmos pelo fogo da aflição, Seu amor estará presente.

Quando enfrentarmos os problemas e perplexidades da vida, Seu amor nos envolverá. Quando enfrentarmos nossos inimigos mais ferozes, Seu amor nos levará adiante. Quando as coisas estiverem bem e a vida for boa, Seu amor será nossa força. Quando nossos amigos se forem e a solidão começar a se aproximar, Seu amor nos confortará. Quando chegarmos ao fim da vida, Seu amor nos levará à Sua gloriosa presença.

Voltando à minha analogia inicial, nós apenas molhamos os pés neste oceano de verdade, mas felizmente teremos o resto de nossas vidas e toda a eternidade para explorar as profundezas do amor divino. Que nossas vidas sejam ancoradas por essa verdade, e nossos corações aquecidos para adorar.

*Quando passarmos pelo fogo da
aflição, Seu amor estará presente.*



Deus é GRACIOSO

O ser humano, em sua tolice, multiplicou deuses. Ele inventou deuses com atributos sobre-humanos, mas nunca considerou um deus gracioso. Com perspicácia, C.S. Lewis observou que isso é o que diferencia o Cristianismo das religiões. A realidade de Deus ser gracioso só poderia ser recebida por revelação divina. Foi assim que Deus se revelou formalmente a Moisés após o pecado de Israel com o bezerro de ouro (Êxodo 34:6). O resultado esperado para tal pecado seria o

julgamento da nação, mas Deus usou o incidente para demonstrar a graça de Seu caráter ao povo recém-nascido. Esperamos que esta pequena consideração da graça de Deus nos faça espelhar a resposta de adoração de Moisés à revelação do Senhor.

Graça significa literalmente 'favor'. O sentido hebraico da palavra nos dá a ideia de alguém superior inclinar-se em bondade para com aquele que é inferior. O grego carrega consigo a ideia de 'ânimo'. As palavras da Bíblia traduzidas

como misericórdia, benignidade e graça são, na verdade, bastante difíceis de diferenciar. Cada uma delas carrega o mesmo sentimento do favor de Deus transbordando para Suas criaturas indignas, em cuidado e compaixão. Adão e Eva seriam capazes de nos falar da graça de Deus estendida a eles, mas é Noé o primeiro de quem é explicitamente declarado que *"achou graça aos olhos do Senhor"* (Gênesis 6:8). Em meio a um mundo entregue à maldade e destinado ao juízo, o favor de Deus repousa sobre Noé, por meio de quem a vida seria preservada. Deus está sempre procurando por um vaso que possa transbordar com Sua graça.

O Deus de graça

Deve-se notar que o pecado não foi exigido para que Deus exibisse este atributo de Seu caráter. O cuidado gracioso de Deus por Adão é evidente antes da queda, no plantio de um jardim para ele e na provisão de uma esposa que era um complemento perfeito para ele. Felizmente para nós, a trágica entrada do pecado não nos excluiu da graça. Em vez disso, a queda destacou e serviu de pano de fundo para o belo desdobramento da glória dos procedimentos graciosos de Deus, apesar do pecado nas páginas das Escrituras. Onde nossa natureza decaída fez do

pecado nossa reação padrão aos caprichos da vida, Deus respondeu instintivamente com graça. Em última análise, isso foi visto na encarnação do Senhor Jesus Cristo: *"E todos nós recebemos também da sua plenitude, com graça sobre graça"* (João 1:16). Paulo escreveu: *"porque já sabeis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, por amor de vós se fez pobre, para que, pela sua pobreza, enriquecêsseis"* (2 Coríntios 8:9). Esta resposta repetida e final de Deus ao nosso pecado deve realmente nos ancorar. Precisamos descansar em Sua graça, permanecer firmes nela (cf. 1 Pedro 5:12; 2 Timóteo 2:1). Nunca podemos nos encontrar em uma situação em que estejamos além do alcance da graça de Deus.

Graça recebida?

Infelizmente, apreciar a graça pode ser uma coisa ilusória. No momento em que sentimos que a merecemos, ela desaparece. Por que isso é tão contraintuitivo? Como mencionado anteriormente, não se encaixa na estrutura ímpia da humanidade caída. O diabo nos ensina a ganhar graça, o mundo proclama que merecemos graça e nossa carne orgulhosa pensa que valemos a graça. Mas, embora a graça de Deus seja sempre estendida, ela só é recebida quando reconhecemos nossa posição inferior, quando

nos arrependemos dos nossos pecados, quando apreciamos nossa fraqueza. Graça é a solução de Deus para o pecado, e não apenas para a salvação (Romanos 3:24), mas também para a santificação (Romanos 5:21). O pecado não tem resposta para a graça; na verdade, é definido como seu oposto bíblico! Portanto, Pedro nos exorta a *"crescer na graça"* (2 Pedro 3:18).

Graça para agradecer?

A experiência da graça em nossas próprias vidas deve fazer com que exibamos graça nelas também. Foi a graça que tornou Cristo atraente para aqueles que Ele conheceu na terra, e foi a graça que de fato conquistou nossos corações. Isso é o que nosso Cristianismo deve consistir, não apenas em palavras, mas em obras. A graça é personificada por uma vida vivida com as mãos abertas. É um reconhecimento de que tudo o que sou e possuo veio de Deus (1 Coríntios 15:10) e que sou meramente um mordomo que trabalha para o Seu benefício final. Portanto, meus recursos obtidos em graça devem me fazer abundar na obra de Deus (2 Coríntios 9:8). Minhas palavras devem ser graciosas (Colossenses 4:6). Minha caminhada cristã é restringida pela graça em oposição à observância da lei (Gálatas 5:4). Esse modo de vida não é ensinado na escola ou

no trabalho. Só pode ser aprendido na escola de Cristo (2 Pedro 3:18).

A graça é a graxa

A graça é a graxa da vida cristã. É o que nos trouxe à salvação (Tito 2:11) e é o nosso suporte nas tristezas e nas lutas (2 Coríntios 12:9). A vida neste mundo decaído nos confronta com muitos desafios. Sempre há um novo chiado ou um novo ranger de engrenagens. A graça é sempre a solução. Que bênção que nosso Deus é o Deus de toda graça (1 Pedro 5:10)! Nosso desafio é nos manter em uma atitude que acolhe a graça. Amargura e orgulho conspiram para nos afastar da graça (Hebreus 12:15; Tiago 4:6).

A graça nunca vai envelhecer. Continuaremos a apreciá-la nos tempos que hão de vir, e a descobriremos inesgotável (Efésios 2:7). À medida que crescemos na graça em nossa vida cristã, confio que estaremos gradativamente trocando o pecado pela graça – falharemos menos e seremos mais graciosos. Considere o Salvador em João 8. Ele era o único qualificado para atirar a pedra, visto que era perfeitamente sem pecado, mas Ele foi o mais gracioso! Que este seja nosso alvo e aspiração ao buscarmos mostrar a Sua graça em nossas vidas.

Deus é FIEL

A fidelidade é um atributo moral de Deus, uma característica inerente que é revelada nas Escrituras e evidenciada pela atividade de Deus na história. A fidelidade de Deus significa que podemos confiar Nele implicitamente; em qualquer situação, podemos confiar totalmente e nos apoiar Nele. Sabemos e concordamos que isso é verdade em teoria, mas a realidade da fidelidade de Deus não é algo que sabemos como viver em meio ao caos de nossas vidas diárias. Em vez disso, como cristãos imperfeitos, olhamos para nós mesmos e ficamos desanimados, e concluímos erroneamente que esse atributo de Deus é para os cristãos “fiéis” experimentarem, não para nós.

Ao passarem por uma figueira seca, nosso Senhor deu a Seus discípulos um curso intensivo sobre a fé, começando com estas palavras: **“Tende fé em Deus”** (Marcos 11:22). Entretanto, esse mandamento deve ser entendido não como um chamado para desenvolvermos a qualidade pessoal da fé, mas, sim, para nos agarrarmos à fidelidade de Deus.

“Hudson Taylor sempre disse que o texto deveria ser traduzido não como, ‘Tenha fé em Deus’, mas ‘Se agarre à fidelidade de Deus’. E isso tornou-se o lema de sua vida e trabalho. Claro, isso também é ter fé em Deus, mas, veja bem, se você colocar dessa forma – ‘Tenha fé em Deus’ – a ênfase parece estar na sua fé. ‘Não é isso’, disse Hudson Taylor, ‘é a fidelidade de Deus que importa. Quando você não tiver fé em si mesmo, apegue-se à Sua fidelidade’. Deus é imutável. Deus é fiel. Ele nunca mudará. Isso é o que realmente significa fé em Deus. O que quer que esteja acontecendo com você, onde quer que você esteja, apegue-se à fidelidade de Deus.”

De certa forma, a fidelidade de Deus está incluída em Seus atributos de retidão, justiça e imutabilidade. Faz sentido que essas características

de Deus estejam entrelaçadas, à medida em que Ele as demonstra em plenitude. Todas elas significam que Deus é imutável e constante, mas a Bíblia nos lembra repetida e especificamente que Deus é fiel.

Talvez o que se destaca de forma única sobre a fidelidade de Deus é que ela é a qualidade a que podemos nos apegar quando circunstâncias difíceis, dúvidas ou pecado obscurecem nossa percepção de quem é Deus, e nossa confiança Nele vacila – *"retenhamos firmes a confissão da nossa esperança, porque fiel é o que prometeu"* (Hebreus 10:23). É como Deus se descreveu a Moisés no Sinai (veja Êxodo 34:6) enquanto ele estava na Sua presença com um segundo conjunto de tábuas de pedra, lembrando a quase aniquilação da nação de Israel devido ao seu pecado com o bezerro de ouro. A fidelidade de Deus foi o que encorajou Jeremias em sua provação pessoal e lamentação sobre a destruição de Jerusalém:

"Lembra-te da minha aflição e do meu pranto, do absinto e do fel. Minha alma, certamente, se lembra e se abate dentro de mim. Disso me recordarei no meu coração; por isso, tenho esperança. As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos; porque as suas misericórdias não têm fim. Novas são cada manhã; grande é a tua fidelidade" (Lamentações 3:19-23).

A fidelidade também é um atributo de Deus que nos permite permanecer em um relacionamento com Ele, apesar de nossa tendência para o pecado. Todos os dias você e eu enfrentamos a tentação de pecar, por isso Paulo escreve: *"Não veio sobre vós tentação, senão humana; mas fiel é Deus, que vos não deixará tentar acima do que podeis; antes, com a tentação dará também o escape, para que a possais suportar"* (1 Coríntios 10:13). Muitas vezes, olhamos para dentro de nós mesmos e vemos fraqueza e nos sentimos impotentes para resistir à tentação, mas essa é uma perspectiva errada que leva, quase certamente, ao fracasso. Em vez disso, se *"nos agarrarmos à fidelidade de Deus"* e procurarmos em Deus a saída ou a força para resistir, então o mandamento de *"resisti ao diabo, e ele fugirá de vós"* (Tiago 4:7) não será apenas uma fantasia que almejamos, mas uma realidade em nossas vidas. No entanto, quando falhamos e pecamos, a fidelidade de Deus ainda nos alcança. João escreveu: *"Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça"* (1 João 1:9). Deus valoriza o relacionamento conosco e, portanto, sempre haverá esta provisão para que o cristão seja restaurado à comunhão completa por Ele. Isso nos leva a considerar um possível desafio à afirmação de que Deus é fiel: nosso pecado poderia tornar Deus infiel? Paulo dá uma resposta

*Deus é fiel, não importa o que
você ou eu façamos; Ele é quem diz
que é, e faz o que diz que fará.*

sucinta: **"Se formos infiéis, ele permanece fiel"** (2 Timóteo 2:13), e ilustra esse ponto com mais detalhes em Romanos (3:3-4; 8:35-39). Essa certeza não é uma tentação para pecar sem medo das consequências, mas, sim, um encorajamento para permanecer firme ou abandonar o pecado e retornar a Deus (seja um santo ou um não salvo). Deus é fiel, não importa o que você ou eu façamos; Ele é quem diz que é, e faz o que diz que fará. Isso é fundamental para a maturidade e o serviço cristão – muito mais importante do que quem eu sou é Quem Deus é.

Observe que a fidelidade de Deus está sempre ligada ao que Ele diz (promete) ou faz. Tiago nos diz que a fé sem obras é morta (2:17) e, por isso, é vital entender que a fidelidade de Deus é dinâmica, viva e operante, não algo imóvel e impassivelmente estático diante do sobe e desce de nossas vidas.

A Bíblia termina com a verdade de que Deus é fiel. João vê um cavalo branco montado pelo Senhor Jesus Cristo em julgamento para a terra, e Seu primeiro título na descrição vívida é **"Fiel e Verdadeiro"** (Apocalipse 19:11). Cristo é e será visto como a prova tangível de que Deus é fiel. O terrível julgamento das nações, da besta e do falso profeta ocorre antes da instituição de Seu reinado milenar. Toda a Escritura nos é dada para mostrar que Deus é fiel – na criação, em Suas promessas, em Suas palavras e ações reveladas quando Cristo caminhou nesta terra até a cruz, até o momento do julgamento final. Cada um de nós precisa "agarrar-se à fidelidade de Deus", enquanto vivemos nossas vidas confusas, e provaremos que esta é a chave para receber o alto elogio de Deus: **"Muito bem, servo bom e fiel"** (Mateus 25:23)!



VERDADE DIVINA[®]
www.verdadedivina.com.br